A "Michetagem" de Rua: Um Objeto e Movimento

FRANCISCO JOSÉ ALVES DOS SANTOS
JEAN ROBERT WEISSAHAUPT

Aos poucos, no âmbito de antropologia brasileira, vai-se constituindo uma etnografia das "nossas margens perversas", invenção de novos objetos. Dos tradicionais índios, negros e camponeses, passou-se a uma diversidade prolífica de temas de pesquisa produzindo um efeito renovador, teórica e metodologicamente. Quando se pensava em rarefação antropológica, ocorria uma explosão poliforme. Em se tratando das homossexualidades, a etnografia nacional está em franco crescimento. A cada dia surgem novos estudos tematizando-a. Vale citar o livro de Trevisan (1986) compondo a história da homossexualidade masculina no Brasil, da Colônia até hoje, como também o recente trabalho de Mott (1987) tecendo uma história geral do lesbianismo brasileiro. Neste contexto, situa-se o livro de Perlongher* sobre a prostituição viril, ou seja, o negócio econômico-sexual que se estabelece entre um rapaz viril (michê) e um cliente homossexual. Esta precaução conceituai tem razão de ser: diferenciar a "michetagem" de outras formas de prostituição masculina no "continuum homossexual" que vai da "feminilidade" do travesti à "masculinidade" do michê. A abordagem empírica do objeto, em São Paulo de 1982 a 1985, viabilizou-se por meio de entrevistas itinerantes e em profundidade, da observação livre e da coleta de algumas histórias de vida.

O cenário e os mapas semânticos e geográficos das "margens" homossexuais permitem a revisão de categorias clássicas na Sociologia Urbana. Perlongher passeia pelos conceitos de "região moral" da Escola de Chicago e de *gueto gay* de Levine. Sem se fixar estritamente em nenhum deles, adota o uso da noção de *gueto gay,* ressalvando o seu caráter nomádico, em São Paulo. Pena que a expressiva "Boca" não pôde ter recebido status suficien-

---

*PERLONGHER, Nestor Osvaldo. 1987. *O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo.* São Paulo: Brasiliense, 276 pp.

Anuário Antropológico/87
Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990

temente teórico para subsumir os conceitos anteriores. A seguir, Perlongher nos convida a compreender a trajetória do *gueto gay* paulistano entre 1959 e 1984: deslocamento espacial e confronto entre categorias populares e modernas de classificação. A trajetória do gueto deve muito à interpretação policial (em termos de repressão) e *gay* (em termos de militância) do "continuum homossexual". O confronto não é, portanto, apenas semântico, mas dá conta, como sempre no livro, da articulação da prática discursiva em outras vizinhanças. Em "Territórios e Populações", é pontualizada a prostituição viril paulistana e são classificados seus agentes, michês e clientes, segundo clivagens relacionais de idade, gênero, profissionalização, cor e status econômico: deslocamentos contínuos em lugares de fixação identificatória. "Derivas e Fugas" são a descrição das estratégias da paquera e "pegação", os rituais de olhares, gestos e atitudes que constituem o saber-fazer do negócio. Prossegue com a tentativa de delinear algumas trajetórias do "devir-michê" confrontadas com o modelo de classificação popular hierárquica e modelo moderno igualitário e homossexualmente identificatório dos atores. Ele ressalva ainda o engate econômico que permite o contrato e as relações de classe, reais e imaginárias, que permeiam o negócio. Enfim, se "a ordem das categorias, do jurídico, se inscreve diretamente na gramática dos corpos" (: 210), a análise de técnicas corporais focaliza o cerne de um feixe de fluxos de desejos, de dinheiro, de prazer, de violência e de afetos que pulsam entre os corpos e esbarram nos códigos. Concluindo, Perlongher situa a prostituição viril no entremeio ambíguo de um movimento de fuga e captura da ordem social. A "michetagem" encontra-se no cruzamento de duas tendências antagônicas: a desterritorialização e reterritorialização. Entre a soltura irreverente do desejo socialmente indesejável e a submissão ao sistema. Nesse paradoxo floresce a prostituição viril com os seus encantos e seus perigos.

Pode-se pensar a descrição e análise da prostituição viril como mapeamento de uma das "margens perversas" da sociedade brasileira contemporânea: organograma montado sobre dois pólos: topológico e energético (Serres, 1977: 79-96). No primeiro momento, tem-se a descrição dos espaços, revelação do cenário com os seus atores principais e seus coadjuvantes; descrição da cena, dos movimentos vários que compõem o teatro monetário-libidinal da prostituição viril movido a desejo. Obscuro objeto ou desejo obscuro; Peter Fry já tinha advertido: "... o assunto mais instigante deste livro é o desejo. O desejo ao menos três vezes maldito: transitório e mediado pelo dinheiro; que ocorre entre pessoas do mesmo sexo e que une, momentaneamente, pessoas socialmente distantes (...). O desejo que ocorre na absoluta contramão

do desejo socialmente aceitável" (Fry, 1987: 14-15). Segundo momento, portanto, no qual o desejo é o combustível que põe em funcionamento o engenho todo. A energética do desejo clivado de pulsões várias: libidinais, monetárias, afetivas, etc. Desejo multiforme: "da bicha pelo macho, mas também do adulto pelo jovem" (259). Princípio desencadeador de fluxos perpassando o corpo social em muitas direções. Desejo "sem propósito", mas, na verdade, incitador de todo o dinamismo do negócio.

Outro destaque da obra é o choque entre os sistemas populares hierárquicos de classificação sexual e o sistema moderno calcado numa ideologia igualitária. Se o primeiro diz respeito sobretudo à hierarquia dos atores sexuais dicotomizados entre penetradores e penetrados, o modelo moderno anglo-saxão apela para o "desejo" como princípio identificatório das pessoas, independentemente da posição que ocupem durante o intercurso sexual. A luta se estabelece entre uma bicha "diferente" e um *gay* "idêntico". Perlongher aponta uma acirrada disputa entre estes dois modelos:

> A proliferação categorial de nomenclaturas que se deslizam e entrechocam, incrustam-se e misturam-se entre si – pode expressar vários fenômenos. Em primeiro lugar ela tem a ver com o choque entre dois modelos classificatórios, um *igualitário (gay/gay)* e o outro hierárquico (bicha/macho) (:151).

Embora premidos pelo rolo compressor da modernidade sexual, os modelos populares resistem fazendo frente a uma homogeneização que, tornando-se vitoriosa, reinstauraria, na ordem da sexualidade, o discurso da norma, deslocando apenas as suas margens.

Expressiva retomada de um tópico da história da sexualidade na qual, segundo Foucault (1984), uma sexualidade jurídica do ato, desvendada por técnicas de inquérito, teria sido substituída por uma sexualidade normativa, da tendência, e desvendada por técnicas de exame. Se efetivamente estamos diante de duas abordagens básicas, Perlongher nos revela que, ao lado da sua história, a sexualidade também tem sua geografia social. O que, com certeza, seria uma constatação do agrado de Foucault e que, curiosamente, deixa entrever uma surpreendente permanência grega nos padrões paulistanos do amor pelos rapazes.

Por outro lado, a territorialização *gay*, delimitando suas próprias fronteiras, definindo seus próprios "desvios-padrão", participaria, assim, do *complot* sedentário, da caça a bruxas nômades que teimam em reivindicar uma diferença radical, em não se deixar confinar em nenhum gueto espacial, institucional ou categorial, em frustrar qualquer "vontade de saber" na exata medida

em que "não estão nem aí", em subordinar suas identidades ao seu derivante bel prazer. Em suma, Perlongher rastreia, preservando-a, a prática irredutível que consiste em fazer das diversas margens institucionais – do mundo dos ilegalismos (Foucault) – o centro existencial da vida.

O corte metodológico do objeto apresenta uma sutileza que nada deve às categorias dicotômicas escolhidas pelo autor no discurso culto das ciências sociais (poucas, é verdade) ou comum dos "negociantes". Embora as pertinências do objeto não lhes sejam estranhadas, é ao seu uso estritamente analítico que se mede a perspicácia de Perlongher. Com efeito, nenhum autor concreto examinado encarna uma outra categoria utilizada: se alguém pode ser macho, bicha, *gay,* michê, etc. ele o é por conta própria, nunca por conta da pesquisa ou do pesquisador. Os efeitos globalizantes, sintéticos, totalizados, classificatórios e identificatórios da linguagem são encontrados no livro. Quando isso acontece, estamos diante de um objeto de análise: trata-se de uma estratégia discursiva de ordenamento, simbólico claro, do mundo por parte de um outro agente do negócio. Se os mesmos vocábulos são reaproveitados por Perlongher, essa retomada é deslocamento: as categorias referentes aos atores referidos se tornam mutáveis, precárias, elas constituem um "continuum", uma "rede circular" na qual os atores concretos perambulam também. Nomadismo geográfico e nomadismo semântico estranhamente casados. A falta de compromisso *essencial* com a realidade dos atores torna os conceitos aptos a dar conta de uma abordagem teórica dos seus papéis, de suas condutas, em suma, de sua prática. Neste nível, a análise acerta um alvo primordial: desvendar o caráter paradoxal do negócio (paradoxal porque também discursivo – por outro lado, poder-se-ia dizer completamente contraditório) e demonstrar que suas condições residem neste caráter paradoxal que une respostas e perguntas, soluções e problemas, palavras e coisas, representações e ações. Aqui, o objeto em estudo não é, a rigor, um conjunto de práticas ou um conjunto discursivo. Ele se constitui no entranhamento (articulação e determinação recíproca; capturas discursivas e linhas de fugas práticas) de diversas práticas, inclusive discursivas, paralelas.

Com a intenção de salvaguardar o nomadismo do objeto, era necessário conjurar as armadilhas de categorias como "identidade" que, na tentativa de apreender o objeto, terminam por reificá-lo em entidades essencialistas, naturais, fixas e duras. A intenção, plenamente sucedida, era "restaurar as potências da errância (não passar a ver, por exemplo, identidades sócio-sexuais onde o que há são deslocamentos e fluxos, territoriais e libidinais)" (: 194). Era preciso captar o objeto, mas captá-lo em movimento. Neste sentido, Perlon-

gher vale-se de classificações, mas as utiliza situacionalmente. Ao desafio da captura (conceitual) do objeto em movimento, ele respondeu com inventividade explorando o referencial de Deleuze e Guattari e penetrando seu "campo empírico não como um plano de constatação de hipóteses rigorosamente preestabelecidas, mas enquanto local de experimentação conceitual" (: 28.). Mune-se assim de um instrumental que lhe permite realizar, com sucesso, a tarefa a que se propôs: a "descrição densa" (Geertz, 1978: 13-41) da "michetagem" de rua. Utilizando conceitos como "território", "nomadismo", "desejo", "devir", "linhas de fuga", "corpo sem órgãos", Perlongher capta o negócio do michê na sua plenitude perversa.

O movimento bem caracteriza o trabalho de Perlongher. Dupla mobilidade tanto do objeto quanto da maquinária conceituai utilizada na difícil apreensão do objeto móvel categórica e territorialmente. Na sua caça, não teve o autor outra alternativa senão, como o michê pelas ruas do centro de São Paulo, derivar pelos caminhos incertos da pertinência. Posso dizer que o nosso explorador foi feliz na aventura antropológica: realizou uma excelente tradução (para nativos e não nativos) do que vem a "estar" a "prostituição viril". Contribuiu para o que diz Geertz ser a ambição da Antropologia: o alargamento do universo do discurso humano. E, nisto, Perlongher sabe muito bem de seu negócio... o negócio da perambulação da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. 1984. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.* 5ª ed., Rio de Janeiro. Graal.

FRY, Peter. 1987. "Prefácio" In: *O Negócio do Michê* (Nestor Perlongher). São Paulo: Brasiliense pp. 11-I5.

GEERTZ , Clifford. 1978. "Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura" In: *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: Zahar pp. 13-41

MOTT, Luis. 1987. *O Lesbianismo no Brasil.* Porto Alegre: Mercado Aberto.

SERRES, Michel. 1977. "Estima" In: *Políticas de Filosofia* (Dominique Grisoni, org.). Lisboa: Moraes pp. 79-96.

TREVISAN, João Silvério. 1986. *Devassos no Paraíso.* São Paulo: Max Limonad.